

CAPÍTULO 9

Letramentos: a escrita no cárcere

MARIA APARECIDA DE SOUSA
SEDF

Se é sabido que a palavra empenhada é muito forte num presídio, é bom saber que a palavra escrita também o é. Cartas, diários, poemas... Embora “aqui fora” raramente nos interessemos por essas manifestações, elas representam, se não o único, o principal meio de reflexão e expressão do mundo afetivo e espiritual de milhares de brasileiros postos para mofar nas nossas cadeias.

(BONASSI apud MENDES, 2009, p. 3)

Neste capítulo, analiso alguns conceitos-chave dos Novos Estudos do Letramento, em busca de compreender as funções que a escrita produzida por mulheres privadas de liberdade desempenha na PFDF. Utilizo como aporte teórico as contribuições de Street (1993, 2003a, 2003b, 2014), Barton (1994, 2010), Barton e Hamilton (1998); Magalhães (2004, 2008); Rios (2009). Divido o capítulo em três seções: *Notas sobre os Novos Estudos do letramento (NEL)*; *Práticas e eventos de letramento*; *Letramentos do mundo da vida e de sistema*. Nessas seções, introduzo análise acerca das funções que os letramentos desempenham na Penitenciária Feminina do Distrito Federal.

NOTAS SOBRE OS NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO

Ao longo do tempo, a escrita tem se constituído como objeto de interesse de diferentes áreas do conhecimento, como a história da cultura, a educação, a literatura, a antropologia, cada uma das quais, com seus conceitos e métodos próprios, tem procurado analisar, entre outros aspectos, os usos, as funções e as consequências da escrita para indivíduos e grupos sociais (STREET, 1984; 1993; SOUZA, 2009; RIOS, 2009). Mais recentemente, com a compreensão do papel da linguagem na reprodução e na transformação de processos e estruturas sociais, bem como com o desenvolvimento de novas tecnologias, a escrita tem se tornado objeto de investigações que buscam compreendê-la como prática social atravessada por relações de poder.

O uso social da escrita reflete e refrata relações de poder presentes em uma dada sociedade, historicamente situada. Desse modo, alguns indivíduos e instituições são autorizados a participar de eventos que envolvem usos prestigiados a escrita e outros não são – os Novos Estudos do Letramento dedicam-se a compreender esses usos e funções.

A expressão Novos Estudos do Letramento (NEL) foi cunhada por Gee em 1991 (STREET, 2003a) para designar um conjunto de estudos sobre práticas que envolvem a escrita. Esses pesquisadores questionam o letramento como um conjunto de habilidades localizadas na mente das pessoas, propondo a mudança do enfoque cognitivo para o enfoque social; com isso, buscam reforçar a dimensão política do letramento e sua vinculação a diferentes ideologias e valores sociais e morais (GEE, 1990, citado por RIOS, 2010b).

No bojo dessa mudança paradigmática, que ficou conhecida como virada social, o letramento passa a ser concebido como práti-

ca social situada no tempo, no espaço e perpassada por relações de poder. O que interessa, nesta nova perspectiva, são os letramentos presentes em uma dada comunidade (STREET, 2003a). Para os/as autores/as dos NEL, a compreensão das práticas que envolvem a leitura e escrita deve considerar os eixos de classe, gênero e etnia, pois grupos sociais diferentes participam de modo diferente das práticas de letramento.

As práticas de letramento podem ser compreendidas como um tipo específico de prática social; sendo esta constituída por: mundo material, relações sociais, ação e interação e pessoas, com suas crenças, seus valores e desejos (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21). Para Barton (1994, p. 3), a compreensão da prática social da escrita envolve três áreas - a social, a psicológica e a histórica - o que faz do letramento uma atividade social e um sistema simbólico. Como atividade social, ele está situado no espaço e no tempo e se concretiza por meio de eventos de letramento dos quais as pessoas participam, orientadas pelas práticas sociais de letramento. Como sistema simbólico, por sua vez, é um meio de representação do mundo para nós mesmos e para os outros, articulando-se com outros sistemas de comunicação. Existem, portanto, inúmeros tipos de letramento, motivo por que o termo é mais bem compreendido no plural, como letramentos.

A abordagem situada do letramento começou a ser desenvolvida por Street em sua pesquisa etnográfica em comunidades rurais do Irã no final da década de 1970 (STREET, 2014). Antes dos estudos de natureza antropológica que esse autor empreendeu, a leitura e a escrita eram objeto de investigação com seu enfoque nos aspectos cognitivos e instrucionais do letramento. É a partir dos Novos Estudos do Letramento que se passou a dar ênfase ao papel das práticas sociais na compreensão da escrita, vinculando-a à produção e à reprodução de relações de poder.

As pesquisas empreendidas pelos NEL (STREET, 1984, 1993; BARTON; HAMILTON, 1998; RIOS, 2009) discutem a supervalorização do letramento escolar como parte da construção ideológica sobre benefícios individuais e sociais alcançados pelo acesso à leitura e à escrita. Enquanto os/as defensores/as da supremacia do letramento escolar, entre os/as quais, membros de equipes de governo, cientistas sociais, professores/as, jornalistas, reproduzem o discurso da universalidade do letramento, os/as que se dedicam a compreender os letramentos não escolares consideram a diversidade dos usos situados da escrita como parte das relações de poder presentes em uma dada cultura.

Na perspectiva dos NEL, os letramentos variam de acordo com os propósitos e os indivíduos a quem servem, assim, é a cultura de uma época que vai torná-los disponíveis, definindo quem escreve, o que escreve; quem lê e o que lê. Por tudo isso, pode-se afirmar que os letramentos existem dentro de um contexto, constituem práticas sociais dinâmicas e é possível conhecê-los examinando valores, ideologias e papéis sociais assumidos pelas pessoas nas práticas de leitura e escrita.

O desenvolvimento do campo de estudos que considera o letramento como prática social deve-se, sobretudo, ao emprego de metodologia etnográfica. A abordagem busca compreender os significados que emanam dos participantes, presentes em uma dada situação, dando atenção às inter-relações dos diferentes elementos que constituem a realidade. Além disso, a etnografia favorece a análise da relação entre discurso e outros elementos da prática social (RIOS, 2006), partindo de situações concretas, não idealizadas e nem previstas a priori. Dentre outras características, a abordagem etnográfica se distingue pela: a) adoção do diálogo como gênero central; b) compreensão do estranhamento como princípio de interpretação; c) contextualização dos dados como base para historicização da pesquisa (RIOS, 2006).

Os estudos no campo do letramento ganham novos contornos em razão dos vínculos estabelecidos com outras abordagens teóricas, como a Análise de Discurso Crítica (ADC). Da interface entre os NEL e a ADC, podemos citar a compreensão de que o letramento “pode ser traduzido para o interior do referencial de prática social de Chouliaraki e Fairclough, em termos da atividade particular (escrita, leitura e fala ao redor de/sobre texto escrito)” (RIOS, 2010a, p. 171). O autor também propõe o conceito de discursos-de-letramento, tomando a investigação da escrita como meio e como fim,

como fim, busca-se conhecer a natureza sociocultural da escrita por meio da pesquisa sobre seus usos situados e sobre suas representações discursivas. Como meio, busca-se conhecer os processos pelos quais a escrita contribui para a constituição da prática social, bem como com a construção discursiva de aspectos e objetos da realidade, sistemas de conhecimento e crença, valores e ideologias (RIOS, 2010a, p. 155).

Nesta pesquisa, abordo as duas perspectivas. Em relação à natureza sociocultural da escrita, analiso letramentos situados na PFDF, nos quais as mulheres privadas de liberdade escrevem e são interlocutoras de textos autogerados. Em relação à escrita como modo de construir aspectos da realidade, analiso o modo como as identificações de si e do outro são construídas discursivamente.

EVENTOS E PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Dois conceitos centrais desenvolvidos por pesquisadores/as dos NEL são o de prática e de evento de letramento. Embora sejam apresentados separadamente, eles se referem a processos interdependentes. Para Barton (1994, p. 3), “os eventos de letramento

são as atividades particulares nas quais o letramento desempenha um papel; podem ser atividades regulares repetidas. As práticas de letramento são as formas culturais gerais de utilização do letramento, com as quais as pessoas se conduzem em um evento de letramento”. Os eventos são concretos e observáveis, respondem a necessidades socialmente construídas e apresentam padrões repetidos no processo de interação, são exemplos de evento a elaboração de um requerimento, a leitura de um poema, a produção de uma ata de reunião; as práticas, por sua vez, são padrões comuns em uma dada cultura.

Eventos de letramento envolvem a escrita, ainda que a presença desta no processo de interação ocorra apenas como tema da interação oral. É nos eventos de letramento que se percebe a abrangência dos usos e significados sociais do letramento na nossa cultura, quer em interações face a face, quer em interações distanciadas no tempo e no espaço. Os eventos são, portanto, um modelo analítico que permite ao pesquisador e à pesquisadora descreverem quando, onde e como as pessoas interagem por meio da escrita.

Para Barton e Hamilton (1998), representantes da chamada segunda geração dos NEL, grande parte das interações sociais são práticas de letramento, cuja compreensão seria acessível por meio do estudo de eventos particulares. O conceito de evento permitiria, nessa perspectiva, observar uma interação mediada pela escrita enquanto ela acontece. Essa noção, contudo, precisa ser relativizada, já que a contemporaneidade vem reorganizando o sentido de interação face a face como experiência espaço-temporal de simultaneidade. É nesse sentido que a perspectiva situada deve ser analisada tendo em conta o atravessamento de outros espaços-tempos, mas mantendo o/a pesquisador/a perto do mundo da vida. Partindo, portanto, da necessidade de se considerar o local em uma rede global (BARTON; HAMILTON, 1998), a pesquisa acerca dos letramentos

em contextos sociais, culturais e políticos específicos deve também considerar aspectos remotos do uso da leitura e da escrita.

Conceber o local como translocal, isto é, considerar que a dimensão local e a dimensão social mais ampla estão dialeticamente integradas, não significa abrir mão da análise situada, social e culturalmente sensível às práticas comunitárias; diferentemente, acolher o conceito de translocal – e mesmo o de transnacional – como constitutivos dos eventos de letramento é um modo de reiterar a natureza interdiscursiva do próprio letramento. Como argumentam Brandt e Clinton “se a leitura e a escrita são meios pelos quais as pessoas atingem outros contextos e são atingidas por estes, então, está acontecendo mais localmente do que a prática local”, por isso é preciso superar a noção de aqui e agora (BRANDT; CLINTON, 2002, p. 338, *apud* BAYNHAM; PRINSLOO, 2009, p. 4).¹

Outro aspecto a ser problematizado é a noção de evento de letramento como “conjunto estruturado de atividades distintas, que podem ser facilmente identificáveis, tendo uma estrutura esquemática” (BAYNHAM; PRINSLOO, 2009, p. 11). Há que se ter em conta, neste caso, que a noção de natureza prototípica do evento pode levar o/a pesquisador/a a considerar relativamente fácil e segura a tarefa de identificar eventos de letramento. Por outro lado, perseguir aspectos prototípicos de um evento pode deixar escapar práticas incidentais de escrita, que têm sua importância contextual, comprometendo a riqueza da pesquisa.

Os eventos de letramento são afetados pelas práticas de letramento, que lhes conferem sentido e fazem com que eles funcionem. As práticas de letramento, por sua vez, correspondem ao conjunto

1 Tradução nossa. Texto original: if 'reading and writing are means by which people reach – and are reached by – other contexts, then more is going on locally than just local practice'.

de eventos e são abstrações destes. Para Barton e Hamilton (1998), as práticas não podem ser tomadas como unidades de comportamento passíveis de observação, uma vez que elas

implicam uma série de valores, atitudes, sentimentos e relações sociais. Isso inclui certo grau de consciência que as pessoas têm em relação ao letramento e os discursos de letramento, bem como a maneira como as pessoas falam dele e lhe conferem sentido [...] as práticas são, ao mesmo tempo, os processos sociais que conectam as pessoas entre si e que incluem conhecimentos compartilhados representados em ideologias e identidades sociais (BARTON; HAMILTON, 1998, p. 112).

Práticas de letramento são práticas sociais em que o uso da escrita é transferível de uma situação para outra semelhante; estão associadas a culturas particulares e reproduzem as relações de poder que nelas estão presentes, mas também as contestam e ressignificam. Como parte integrante da cultura, portanto, elas se associam às instituições, às tecnologias e constroem identidades individuais e coletivas. Vamos tomar um exemplo de um evento de letramento.²

[3.1] Eai Ana veai com a Divina se ela vendeu meus bagui se vendeu ve ai com ela pra ela manda 250 R\$ pra mim compra uma jega pra minha mãe não fica durmindo no chão e quando vcs for compra roupas vcs traz azul E traz o balde Pede pro advogado vim aqui pra nos mudar de bloco quero ir pro bloco 3 pra minha mãe remi pq eu jatou na remição só que minha mãe ainda não ta e la no bloco 3 é mais fácil remição. Bjss! Saudades. Manda as fotos já estou no bloco 7 e traz os meninos quando vc vim. [...].³

2 Mantenho a escrita original de todos os textos produzidos pelas mulheres privadas de liberdade

3 A palavra *jega* faz referência à cama e a palavra azul, à pílula para ansiedade. Reproduzi os textos das mulheres em situação de cárcere como foram escritos.

Esse BO foi escrito por uma detenta da PFDF que cumpre pena em regime fechado e seria encaminhado a uma detenta que cumpre pena em regime semiaberto ou a uma pessoa presente no dia da visita. O texto seria repassado a uma terceira pessoa, a destinatária de fato. Neste evento de letramento, a escrita desempenha a função de intermediar uma relação comercial entre uma pessoa encarcerada e uma pessoa livre; nos termos das internas, entre alguém que está “puxando cadeia” e alguém que está no “mundão”. Se tomarmos o BO como gênero situado, temos que ele realiza trocas de conhecimento e de atividades – algumas delas proibidas, o que faz do BO uma prova de ilícito a ser investigado. Com a interceptação do texto, instauram-se outros eventos de letramento, nos quais agentes institucionais promovem retextualizações sucessivas do texto original.

As detentas da Penitenciária Feminina do Distrito Federal, bem como a população carcerária de outras unidades prisionais, convivem em ambiente letrado, tendo contato com discursos, gêneros e estilos constitutivos das ordens de discurso jurídica, comercial, educacional, médica, religiosa e pessoal, como no exemplo 3.1. As pessoas em privação de liberdade participam, regularmente, de eventos de letramento institucionais como leitoras (ou ouvintes) de textos que tipificam crimes, estabelecem penas, concedem indultos, autorizam ou proíbem visita íntima, interferem sobre a guarda dos filhos, concedem liberdade provisória ou permanente e assim por diante.

No caso dos letramentos presentes na PFDF, quero destacar a atuação das mulheres privadas de liberdade como escritoras, o que se comprova tanto pela quantidade de textos a que tive acesso durante o trabalho de campo como pelas respostas dos/as entrevistados/as sobre o tema. A seguir, apresento um conjunto de textos que exemplificam a diversidade de gêneros discursivos escritos

na prisão e as diferentes funções que o letramento autogerado de mulheres privadas de liberdade assume.

Quadro 1 - Gêneros situados constitutivos de eventos de letramento no presídio

<p>[3.2] À Senhora Juíza da Vara de Execuções Penais, Leila Cury Venho respeitosamente por meio desta carta requerer Prisão Domiciliar Humanitária com base nos seguintes requisitos [...]. Encarecidamente, peço que avalie meu pedido com compaixão. Desde já agradeço sua atenção. Deus a abençoe. Atenciosamente, Leila Dias Aguiar⁴</p> <p>*Requerimento externo.</p>	<p>[3.3] Sr. D. Carla, venho nesse requerimento lhes pedir que tenha a gentileza de dar uma olhadinha no meu processo [...]. Por gentileza, D. Carla, me faça esse favor pois não sei direito quanto tempo e esse mandato [...]. Estive aqui em 2014. Também com mandato de 171 e vcs me assistiram muito bem. D. Carla não me deixou em nenhum momento sem resposta. Fiquei muito satisfeita com o atendimento da Senhora... peço que me ajudem, pois não tenho visitas.</p> <p>*Requerimento interno.</p>	<p>[3.4] É dona Amelia, não é facil ser acordado todo dia pela policia para responder o nome completo [...] esse monte de mulher iginorante que não tem respectiva de vida, vai embora e voltar no dia seguinte, eu não tenho essa oportunidade de sair fora, quantas eu já vi ir e vir? Muitas. Quantas aqui queriam só uma chance enquanto é tempo, porque com o passar dos anos acaba a força de vontade de mudar, acabam se contaminando com a maudade que aprendem mesmo sem querer [...].</p> <p>*Carta externa.</p>
---	---	--

4 Os nomes que uso neste artigo para identificar as mulheres em privação de liberdade são fictícios.

<p>[3.5]</p> <p>[...] ainda vamos ser muitas amigas lá fora. Essa é só uma faze ruim que infelizmente tivemos que passar, mas por outro lado foi bom te te conhecido. [...] Olha amiga que Deus te acompanhe e que te de sabedoria amanhã vai na fê que vai da tudu certo Pé quente viu De-sejo toda a felicidade du mundo e quando você estive lá fora fica de boa da valor na liberdade!! viu e me espere .</p> <p>*BO *BO.</p>	<p>[3.6]</p> <p>Eu devo: Emília: 25 Taís: 100 Luana: 15 Tayene: 7</p> <p>Me devem: Tatiara: 250 Tiago: 15 Ana: 85</p> <p>*Anotações de comércio * Registro de comércio</p>	<p>[3.7]</p> <p>10/10/2017 Clara!</p> <p>Nesta mesma data há muitos anos atrás, Deus deu a vida a uma pessoa que é (+) especial. Você! Queria hoje nesta data dizer para você que Deus te abençoe. Te tire desta Selva de Pedras e temos que tirar o melhor de tudo isto aki. Sei que este lugar não ajuda Mas de coração Feliz Aniversário! [...] Não desista dos seus sonhos [...] Sua camarada *Cartão de aniversário Leila * Cartão de aniversário.</p>
---	--	---

Fonte: elaboração da autora.

As instâncias discursivas apresentadas são constitutivas de letramentos autogerados presentes na prisão, variando em termos de forma, função e uso (BAYNHAM e PRINSLOO, 2009). Na base dessa asserção está o princípio, já consolidado na literatura, de que os letramentos são múltiplos e articulam-se nos diferentes domínios de que fazem parte. Isso não quer dizer que haja um único letramento associado a cada cultura particular. Segundo Street (2014), podem existir múltiplos letramentos dentro de uma mesma cultura, que

não é uma construção estática, um inventário de características, mas um processo contestado. Ao destacar esse caráter heterogêneo, o autor questiona a relação direta entre cultura (no singular) e letramento (no singular).

LETRAMENTOS DO MUNDO DA VIDA E LETRAMENTOS DE SISTEMA

As relações que os letramentos estabelecem com as instituições de prestígio social estão na origem do poder que as caracterizam, de modo que certos modelos são considerados mais importantes que outros. Pesquisas produzidas no campo dos Novos Estudos do Letramento (BAYNHAM, 1995; BARTON e HAMILTON, 1998; ROGERS, 2002 *apud* RIOS, 2013, p. 329) apresentam uma variedade de nomenclaturas para identificar os letramentos dominantes e os letramentos locais (ou vernaculares, informais, comunitários).

Para Barton e Papen (2010), os estudos antropológicos do letramento interessam-se por todos os tipos de escrita presentes nas práticas sociais e institucionais, sobretudo a escrita incipiente, comum, pouco conhecida, ignorada, negligenciada, a chamada escrita vernacular. O termo vernacular é compreendido pelo autor no sentido de comum (mundano, rotineiro) ou incidental (em relação à valoração feita pelas instituições dominantes). Em função disso, o letramento vernacular (ou modelo popular de letramento, segundo Street) está associado à natureza da interação social.

As práticas vernaculares de letramento são autogeradas, isso significa que as pessoas usam os textos com base em suas próprias necessidades e interesses. Essas práticas são marcadas pela subjetividade, pela liberdade e pela autonomia, é nesse sentido que os letramentos vernaculares são fonte de criatividade, invenção e originalidade (BARTON, 2010).

Os conceitos de *letramento vernacular* e *letramento dominante*, propostos por Barton e Hamilton (1998), foram ressignificados por Rios (2013) à luz dos conceitos de mundo da vida e de sistemas (HABERMAS, 1999). Considerando usos, valores e representações acerca da leitura e escrita, aspectos já desenvolvidos pelos Novos Estudos do Letramento, Rios propõe a relação entre *letramento vernacular* e *letramento do mundo da vida* e entre *letramento dominante* e *letramento de sistemas*. A proposta de Rios nasce da necessidade de se considerar a co-ocorrência e/ou entrelaçamento de letramentos dominantes e locais.

Na teoria habermasiana, o mundo da vida e os sistemas são conceitos interdependentes; o primeiro está relacionado às experiências cotidianas reguladas pelo consenso; e o segundo, aos processos de racionalização, abstração e regulação pública. Nesse sentido, os sistemas nascem do mundo da vida e passam a regulá-lo, modificá-lo, colonizá-lo. O mundo da vida, por sua vez, interage com o sistema, o que pode promover novas racionalidades, novos sistemas, ainda que o próprio Habermas aponte para o desequilíbrio entre esses fluxos, com predomínio histórico dos sistemas sobre o mundo da vida.

Rios (2013) considera que os conceitos habermasianos de ação comunicativa (e seus processos de linguistificação/delinguistificação) e de desacoplamento de sistemas a partir do mundo da vida são produtivos para compreender as práticas de letramento. O processo de linguistificação/delinguistificação, que diz respeito à presença da linguagem nas práticas sociais, pressupõe a existência de gêneros discursivos constitutivos do mundo da vida. Por outro lado, o desacoplamento de sistemas a partir do mundo da vida leva à transformação dos gêneros discursivos do mundo da vida, “que passam a se configurar como letramentos de sistema”, um exemplo desse processo é a existência de letramentos públicos e institucio-

nalizados (RIOS, 2013, p. 332). Os letramentos de sistema são “letramentos públicos institucionalmente controlados, compreendidos como letramentos de sistema” (RIOS, 2013, 333).

Além de surgirem desse desacoplamento, os letramentos de sistema também podem ser constituídos por meio do processo de recontextualização, segundo o qual os sistemas se apropriam dos gêneros discursivos do mundo da vida, tornando-os gêneros especializados. Isso não quer dizer, contudo, que a especialização seja uma marca de poder dos letramentos de sistema, pois o poder não é um atributo de um determinado letramento, nem dos gêneros que o constituem, mas é próprio das práticas sociais em que estão mais enraizados.

De forma sintética, os letramentos de sistema são considerados letramentos dominantes ou discursos dominantes de letramento, ao passo que os letramentos do mundo da vida são considerados não dominantes. Ressalta-se que essa distinção é formulada considerando como critério os eventos e as práticas sociais e não os textos ou os gêneros discursivos em si mesmos.

Nesse sentido, podemos afirmar que as mulheres em situação de cárcere estão envolvidas, prioritariamente, com os letramentos do mundo da vida. Por outro lado, elas também eventos de letramentos de sistema, uma vez usam a escrita com a finalidade de estabelecer relações com gerentes de núcleos da penitenciária, juízes, promotoria, entre outros.

LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA

O conceito de letramentos de reexistência foi proposto por Ana Lúcia Silva Souza (SOUZA, 2009) para caracterizar as práticas cotidianas de uso da linguagem que atuam para desestabilizar dis-

cursos nos quais apenas os usos da língua aprendidos e ensinados na escola formal são valorizados. Para a autora, os letramentos de reexistência são apontados como

uma reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não. Para os rappers, a educação e a posse da palavra é marcada pelo esforço de reconhecimento de si, desafiando, de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações (SOUZA, 2009, p. 26).

A sujeição de que fala a autora está relacionada a certos eixos de diferenciação e exclusão social, como raça/etnia e tipos de letramento que as pessoas dominam, de modo que os letramentos de reexistência desempenham funções voltadas à desestabilização do poder como dominação e à construção de identificações subalternizadas. Em sua tese, Souza (2009, p. 26) coloca em questão o privilégio da escola como agência letradora, destacando a importância dos letramentos não dominantes em práticas sociais que produzem identificações positivas.

Nos letramentos dominantes, que são produzidos e reproduzidos pela educação formal, a leitura e a escrita estão voltadas ao desenvolvimento prioritário de habilidades individuais. Parte-se do princípio de que o domínio do letramento (autônomo) está na base do progresso individual e social e por isso deve ser ensinado e avaliado. Essa perspectiva tem sido contestada pelos/as pesquisadores/as dos NEL, que colocam em questão sentidos ideológicos que estão na base das representações hegemônicas do letramento. Outras representações dominantes do letramento foram problematizadas por Rios:

a) Conhecimento transmitido através do letramento, prevenindo e solucionando problemas: letramento impresso que é produzido para intervir nos modos culturais de fazer e pensar, e, portanto, ligado a uma função racional e moral na sociedade; b) Vínculo entre a educação cultural de elite e o letramento: concepções dominantes do letramento que criam um vínculo artificial, isto é, naturalizado, entre “letrado”, “escolarizado” e “instruído”; e c) Modo escrito superior aos outros modos comunicativos: o privilegiamento da escrita em detrimento de outros modos comunicativos (RIOS, 2003, p. 4).

Essas representações discursivas têm contribuído para que os letramentos do mundo da vida sejam desvalorizados, acarretando a desvalorização daqueles que os produzem, de suas identidades pessoais e sociais e dos locais em que vivem. A despeito disso, diferentes letramentos emergem de práticas sociais complexas, muitas vezes ligadas a processos históricos de contestação e de reexistência. Esse é o caso da escrita de jovens ligados ao hip hop, *de que fala Souza, mas também da escrita de mulheres privadas de liberdade. Na busca pela apropriação “da palavra e de seus sentidos”, estão em questão a luta pela afirmação de identidades sociais; no caso das detentas da PFDF, de identidades que as individualizem no meio da massa, restituindo subjetividades apagadas ou subsumidas nos papéis que elas precisam desempenhar dentro da prisão. Sobre os letramentos no cárcere, o ex-detento Jocenir afirma:*

Eu procurava vencer o tempo. Na cadeia, o tempo anda em câmera lenta. Fazia versos para os presos presentearem suas famílias, também lia e respondia cartas. Com isto, ia pouco a pouco ganhando a simpatia de todos, até dos mais perigosos. Por ler e escrever com facilidade, o que é raro na cadeia, tomei contato com muitas almas infelizes. Isso era bom, ganhava respeito, mas virei espectador de muitas tragédias (JOCENIR, 2001).

Esse trecho de *Diário de um detento* indica a construção de uma identidade socialmente valorizada, a de escritor, que Jocenir reivin-

dica para si em função da especialidade que tem ao manejar a língua escrita. Este é um exemplo de que o “letramento é legitimado como um campo de poder, associado com a variedade padrão do português”, um dos achados da pesquisa sobre diferenças linguísticas e produção de desigualdades, desenvolvida por Magalhães (2004, p. 111). A identidade que diferencia o autor, no entanto, é ressignificada no contexto prisional quando ele se dispõe a ser o escriba dos companheiros apenados; esse é um exemplo de que o letramento é uma prática social e não um conjunto de habilidades pessoais.

Na PFDF, a identidade de escriba é muito valorizada – é também remunerada – como afirma Débora Diniz. Em um dos textos que constituem o resultado de pesquisa na PFDF, a autora afirma: “escrever é muita vantagem, pensar com a lógica do poder, só para as sabidas. Como poucas dominam a letra, há as escribas de cata-taus, que vendem o texto por três reais. Algumas são preferidas de uma ala, pois a arte redonda faz diferença” (DINIZ, 2015, p. 26).

Na prisão, os letramentos de resistência se multiplicam em eventos e práticas discursivas nas quais diferentes identidades pessoais e sociais são forçadas. Os catataus, por exemplo, reúnem um conjunto de textos que se aproximam do gênero requerimento e que visam não só a solicitar um serviço como o de dentista ou psiquiatra, mas convencer o/a seu/sua interlocutor/a de que seu pedido é importante, necessário e urgente, como de fato costumam ser todas as solicitações em uma unidade prisional.

Catatau é papel escrito na cela, circulando pelo pátio, que atravessa a segurança e alcança o jaleco branco. O colete preto das celas recebe o bolô semanal, perde até a conta. Outro alguém debulha prioridades, os critérios são de precisão ou de disciplina [...]. Catatau é bilhete em forma de telegrama. História de vida e pedido de socorro são narrados com economia de palavras (DINIZ, 2015, p. 26).

Nos diferentes letramentos produzidos na prisão, são produzidos gêneros discursivos diversos. Neste artigo, no entanto, selecionei o gênero situado BO para a análise textualmente orientada; considereirei três motivos para essa escolha. Em primeiro lugar, porque as relações sociais que esses textos⁵ estabelecem são geralmente marcadas pela confiança mútua e pela espontaneidade, aspectos comuns em eventos de letramento do mundo da vida, nos quais atores sociais costumam se expressar de modo mais livre. Essas relações ensejariam identidades e identificações mais complexas e multifacetadas. Em segundo lugar, porque as condições de produção dos textos/discursos instanciados nos BOs permitem que as mulheres em situação de cárcere se posicionem sobre temas relevantes para si, revelando, com isso, representações que se relacionam com modos de identificação e de ação/relação. Em terceiro lugar, porque a análise de textos que constituem uma prática social que é, ela mesma, um ato de resistência, torna possível explorar a agência das mulheres em situação de cárcere na construção de suas identidades individuais e sociais.

EVENTOS E PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO CONTEXTO PRISIONAL: CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS DE ANITA WILSON

Anita Wilson (2000) investiga os letramentos em ambiente prisional. O resultado de sua pesquisa aponta para a ideia de que a leitura e a escrita no cárcere não acontecem apenas em ambientes auto-

5 Todos os textos são multimodais (KRESS; van LEEUWEN, 2006), mesmo que sejam compostos apenas por meio do sistema da escrita. Nos gêneros situados investigados na prisão, a presença de desenhos como flores, arma, sol, estrela e diversas reproduções de emojis evidenciam o quanto as produtoras investiram na acentuação de alguns sentidos. Pelas limitações desta pesquisa, esses aspectos semióticos não foram explorados.

rizados e sob o comando de agentes externos como professores/as. Diferentemente, seu trabalho etnográfico identifica muito mais letramentos nas prisões do que as avaliações externas de leitura e escrita são capazes de capturar com seus métodos e instrumentos.

Uma importante contribuição dessa pesquisa é a recontextualização do conceito de terceiro espaço⁶, que passa a ser tomado como metáfora para compreender o modo como as pessoas em situação de cárcere constroem a si mesmas, contestando identificações atribuídas pelo outro e criando um espaço híbrido, que nem pode ser identificado como o espaço prisional nem como espaço não prisional. Nessa fusão, que não corresponde à soma de duas culturas diferentes, mas à criação de algo inédito e irreconhecível, o/a detento/a vivencia sua experiência de autonomia. Nessa perspectiva criativa, homens e mulheres privadas de liberdade podem forjar-se como escritores/as e estudantes, ultrapassando o lugar socialmente reservado a eles e elas, que é o de detento/a, mas também de criminoso/a e de ser abjeto.

Pessoas privadas de liberdade têm, na prisão, um *terceiro espaço* porque não podem acessar seus vários mundos sociais e também não querem ser arrastadas para o aprisionamento. Nesse sentido, o terceiro espaço passa a colonizar os espaços prisionais, trazendo para essas instituições elementos que identificam as relações mantidas pelos/as detentos/as em ambiente prisional. O terceiro espa-

6 Wilson constroi suas reflexões sobre a escrita em um presídio tomando como ponto de partida o conceito de *terceiro espaço* proposto por Bhabha. Em sua análise, o autor concebe o terceiro espaço em termos de hibridização: resultado da articulação entre culturas, que nunca estão completas ou plenas. O terceiro espaço identifica, portanto, o confronto de dois ou mais sistemas culturais, produzindo não uma terceira cultura, mas algo inédito, deslizante, diferente, irreconhecível, capaz de deslocar “as histórias que o constituem e gerar novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas, que são inadequadamente compreendidas através do saber recebido” (BHABHA, 1996, p. 37).

ço ocupa a mente dessas pessoas com atividades não institucionais, como escrita de bilhetes, poemas, músicas. Dessa forma, torna-se um modo de sobreviver à prisão, nesse sentido, o espaço físico e metafórico é transformado em domínios sociais não institucionais, em espaços criativos que produzem um tempo criativo e ajudam a resistir ao encarceramento.

A presença do terceiro espaço indica que, na prisão, os letramentos são múltiplos e não podem ser investigados de modo separado das circunstâncias sociais e dos discursos de que fazem parte. É importante ressaltar que a leitura na prisão é uma experiência pessoal particular e não relacionada a qualquer prestação formal. As atividades autogeradas de leitura e de escrita transformam os espaços físicos de uma cela e os constrangimentos metafóricos de tempo de prisão em espaço/tempo de autonomia e criatividade. Nesse sentido, o institucional torna-se criativo e a monotonia e o tédio da vida na prisão são transformados pelas práticas autogeradas.

Na Penitenciária Feminina do Distrito Federal (PFDF), a escrita também desempenha a função de transformar a experiência prisional, no sentido de construir espaços-tempos subjetividade de autonomia, como tenho defendido ao longo deste trabalho. Para além dessa função mais genérica, os discursos veiculados nos eventos de letramento do mundo da vida da PFDF permitem identificar outras funções, ligadas aos processos de resistência e reexistência. A seguir, apresento exemplos de instâncias discursivas que instanciam tais funções.

Quadro 2 - Funções do Letramento do mundo da vida na PFDF⁷

1. Reexistir diante de processos de desempoderamento
2. Dar conselhos e orientações de caráter moral.
3. Oferecer e receber conforto emocional e espiritual.
4. Estabelecer e manter vínculos de amizade e de namoro.
5. Manter contato com o ambiente externo à prisão sem o monitoramento institucional.
6. Preservar identidades construídas antes do encarceramento.
7. Falar sobre questões que envolvem o cotidiano da prisão.
8. Desabafar, trocar segredos e fazer confissões.
9. Motivar outras internas, criando um ambiente de esperança.

Fonte: elaboração da autora.

Os textos que apresento a seguir instanciam discursos que remetem às funções desempenhadas pela escrita na PFDF.

Motivar outras internas, criando um ambiente de esperança

[3.8] Nunca se intristessa se seus sacrifícios não forem notados com diferença, e quando vc acordar, olhe pro céu e veja que o sol da um espetáculo todos os dias, enquanto a maioria da platéia continua dormindo. E mais uma vez eu te falo, apesar das circunstâncias em que nós nos encontramos nessa babilônia, não (?) jamais na nossa convivência, pois você é uma mulher companheira pra todas as horas, e pra qualquer situação [...].

[3.9] Meu amor, quando tudo parece está perdido, Deus está sempre do nosso lado para demonstrar que podemos nos reerguer.

7 As funções do letramento coincidem, em alguns casos, com o propósito do gênero e/ou as atividades com as quais o texto equivale. Os conceitos não são intercambiáveis, mas estão em diálogo, pois se ancoram no conceito de linguagem como elemento da prática social.

bém desse cativoiro, iremos comemorar nossa vitória.

Trocar informações sobre questões que envolvem o cotidiano da prisão

[3.11] Amiga quinta feira fiquei muito feliz quando minha mãe falou que seus filhos e sua irmã estavam lá fora. Graças a deus eles vinheram para acalmar seu coração. Estou morrendo de saudades, faz o corre daí para vim pra cá, aqui tem uma cela de provisória que só tem 4 [...] Estou louca pra você vim pra cá cumadre estou fazendo o corre também manda um requerimento pra chefe de Pátio da mole não, que aqui e noiscabulozo sempre.

[3.12] [...] eu estou só amando casada com a Kely ela ta mandando um salve você conhece ela me manda um BO me falando como esta esse lado daí. Um grande abraço fica com Deus... Anita Taguá

Estabelecer e manter vínculos de amizade e de namoro.

[3.13] Escolhi vc pra ser minha mulher, porque o nosso santo bateu. Saiba que vc ganhou acima de tudo uma amiga e no que precisar eu estarei ao seu lado, vamos dominar o mundo!

[3.14] Palavras não bastam para descrever a pessoa especial que você tem sido e é... Eu creio que está chegando o grande dia de sair dessa cadeia, estou para ir embora, mas eu creio também que Deus! Vai te honrar com sua saída mais uma vez desse lugar. E eu vou estar lá fora torcendo e te esperando este dia chegar. Quero poder ter a honra de poder te dar aquele abraço e juntas com a permissão do Senhor! Vamos poder explorar e apreciar o momento e a beleza por este mundo à fora [...]

Desabafar, trocar segredos e confissões

[3.15] Só eu e Deus sabemos como me sinto agora. Por fora tento não demonstrar, mas por dentro... tudo parece desmoronar. Más se estas são as tamanhas aprovações e tribulações, estou pronta

para desafiá-las, pois não tenho medo de lutar pelo que eu quero. Ainda mais sabendo que não estou só. É nois aqui dentro, e lá fora e vc não vai se arrepende. pelo contrário vai é se surpreender.

[3.16] [...] essa foi minha primeira cadeia e eu creio que vai ser última, pois não pretendo voltar para esse inferno. De tudo que já vivi em minha vida, eu jamais poderia imaginar que vinha parar nesse lugar de tanto sofrimento.

Dar conselhos e orientações de caráter moral.

[3.17] Amiga pesso pra Deus que em nome do filho dele, ele ti der (+) essa chance de ir embora, na moral quero que vc vai logo logo embora, (+) não vou menti vou fica muito triste longe de vc! Amiga sinto um grande carinho por vc, amiga te pesso que em nome de Jesus de (+) valor nu mundão da (+) valor na sua família essa ã e a nossa vida sabe qual e a nossa vida e ser feliz então te pesso ã voute (+) pelo amor de Deus.

Oferecer e receber conforto emocional e espiritual

[3.18] Vou falar pra minha mãe levar seu nome pra igreja e fazer uma campanha por você. Confie em Deus, tudo vai dar certo.

[3.19] Tchau viu Jesus te Ama e eu também. Antes de você ir pra audiência ora o Saumo 91 viu to orando por você e vai na fé que vai da tudo certo

Nos eventos de letramento analisados, os valores de solidariedade, afetividade, lealdade estão na base da organização de pequenos grupos ou pares que interagem por meio da escrita. Os letramentos, nesse sentido, desempenham um importante papel nos processos de resistência aos constrangimentos de uma instituição total, mas também nos processos de reexistência, já que, por meio da escrita (em conjunto com outras semioses), as mulheres

encarceradas conseguem elaborar novos projetos de vida e resgatar dimensões silenciadas de sua existência. Finalizo este artigo afirmando que os letramentos e os discursos produzidos por mulheres reclusas na Penitenciária Feminina do Distrito Federal revelam uma face muito mais complexa e humana do que uma sociedade punitivista gostaria de reconhecer.

REFERÊNCIAS

BARTON, D. A base social do letramento. In: BARTON, D. *Literacy: an introduction to ecology of written language*. Tradução: Guilherme Veiga Rios. Oxford, UK: Blackwell Publishers, 1994.

BARTON, D. Vernacular Writing on the Web. In: BARTON, David; PAPEN, Uta. *The Anthropology of Writing: Understanding Textually Mediated Worlds*. London: Continuum, 2010. p. 109-125.

BARTON, D.; HAMILTON, M. *Local literacies: reading and writing in once community*. London: Routledge, 1998.

BARTON, D.; PAPEN, U. *The Anthropology of Writing: Understanding Textually Mediated Worlds*. London: Continuum, 2010. p. 109-125.

BAYNHAM, M.; PRINSLOO, M. *The future of literacy studies*. England: PalgraveMacmillan, 2009.

BHABHA, H. O Terceiro Espaço - uma entrevista com HomiBhabha (Jonathan Rutherford). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol. 24, p. 34-41, 1996.

CAPÍTULO 9

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DINIZ, D. *Cadeia*, relato sobre mulheres. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa*, Irracionalidad de la acción racionalización social. Terralaguna, Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, 1999.

JOCENIR. *Diário de um detento*: o livro. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

MAGALHÃES, Izabel. Letramento e identidade. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Portugal. *Anais [...]* Portugal: Universidade de Coimbra, 2004. Painel organizado por Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ).

MAGALHÃES, Izabel. Práticas discursivas de letramento: a construção da identidade em relatos de mulheres. In: KLEIMAN, Ângela (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 201-235.

RIOS, G. V. Discurso e etnografia na pesquisa sobre letramento na comunidade. *Cadernos Linguagem e Sociedade*, v. 8, 2006. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/1246>. Acesso em: 29 out. 2015.

RIOS, G. V. *Literacy discourses: a sociocultural critique in Brazilian communities*. Saarbrücken: Verlag Dr. Müller, 2009.

RIOS, G. V. Letramento, discurso e gramática funcional. *Cadernos de Linguagem e Sociedade, Brasília*, v. 11, n. 2, 2010a. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/les/article/view/2835/2447>. Acesso em: 12 out. 2014.

RIOS, G. V. Linguagem e alfabetização de adultos: uma perspectiva crítico-ideológica. *Covilhã, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Universidade de Covilhã*, 2010b. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rios-guilherme->

linguagem-e-alfabetizacao-de-adultos.pdf. Acesso em: 15 fev. 2018.

RIOS, G. V. Letramentos do mundo da vida e letramentos de sistemas: revisando os letramentos dominantes. *Signótica, Goiânia*, v. 25, n. 2, p. 327-348, jul./dez. 2013.

SOUZA, A. L. S. *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop*. 2009. 206 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Estudos da Linguagem Campinas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

STREET, B. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. *Cross-cultural approaches to literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

STREET, B. What's new in New Literacy Studies? Critical Approaches to Literacy in Theory and Practice. *Current Issues in comparative Education*, New York, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003a.

STREET, B. Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento. *Teleconferência Brasil sobre o letramento*, 2003b.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

KRESS, G.; van LEEWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

WILSON, A. There is no scape from third-space theory: borderland discourse and the 'in-between' literacies of prisons. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R.; IVANIC, R. *Situated literacies: reading and writing in context*. London: Routled, 2000.

ATIVIDADES REFLEXIVAS SOBRE O CAPÍTULO 9

- 1) No texto, a autora traz diferentes conceitos de letramento para explicar a “escrita no cárcere”. Com base nessa realidade, defina:
 - a) Letramento de sistema:
 - b) Letramento do mundo da vida:

- 2) Ao investigar a “escrita no cárcere”, a autora traz dois conceitos fundamentais oriundos do campo dos Novos Estudos do Letramento/NEL: práticas e eventos de letramento. Defina e exemplifique esses conceitos.

ORGANIZAÇÃO

Rodriana Dias Coelho Costa

Edinei Carvalho dos Santos

Kleber Aparecido da Silva

REVISÃO

Oseas Bezerra Viana Júnior

Kleber Aparecido da Silva

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Estúdio Guayabo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente
[livro eletrônico] / Rodriana Dias Coelho Costa, Edinei Carvalho dos
Santos, Kleber Aparecido da Silva (orgs.). -- Campinas, SP : Editora da
AbraLIn, 2021. -- (Altos estudos em linguística)
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-10-0

1. Educação 2. Educação intercultural 3. Letramento 4. Letramento -
Estudo e ensino 5. Práticas educacionais 6. Professores - Formação
I. Costa, Rodriana Dias Coelho. II. Santos, Edinei Carvalho dos. III. Silva,
Kleber Aparecido da. IV. Série.

21-81233

CDD-370.733

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Práticas docentes : Educação 370.733

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/ 9788568990100